

## ENTRE RISOS E ACROBACIAS: UMA EXPERIÊNCIA COM AS ARTES CIRCENSES

Danielle Lima e Souza

Universidade Estadual de Goiás Unidade Universitária Itumbiara (UEG UnU-Itumbiara)

Rayanne Ferreira dos Santos

Universidade Estadual de Goiás Unidade Universitária Itumbiara (UEG UnU-Itumbiara)

George Ivan da Silva Holanda

Universidade Estadual de Goiás Unidade Universitária Itumbiara (UEG UnU-Itumbiara)

### INTRODUÇÃO

Este relato de experiência tem como objetivo apresentar uma ação educativa proporcionada pela disciplina de Metodologia do Ensino de Educação Física (MEEF), inserida no currículo do curso de Educação Física da Universidade Estadual de Goiás, Unidade Itumbiara (UEG UnU-Itumbiara). Institucionalmente nominada “Atividades Práticas dos Componentes Curriculares” (APCC)<sup>11</sup>, a ação ocorreu em um circo formado por artistas locais e de outras cidades do estado de Goiás, que estava montado em uma região periférica da cidade de Itumbiara, Goiás.

Para tanto, cabe destacar que o processo de ensino-aprendizagem não se limita ao ambiente escolar formal-tradicional, limitado por paredes e carteiras burocraticamente organizadas. Ao contrário disso, os espaços de aprendizagem podem ser ampliados e organizados para possibilitar diversas experiências aos alunos. É de acordo com esse segundo entendimento, que o curso de Educação Física da UnU-Itumbiara parece estar estruturado.

O curso de Educação Física tem como um de seus principais objetivos trabalhar, junto aos discentes, elementos da cultura corporal de movimento (Bracht, 1992; Fensterseifer, 2012). Tal condição, desenvolve nos sujeitos a condição de atuarem enquanto agentes ativos na produção e transformação da cultura.

<sup>11</sup> A Resolução CNE/CES 06/2018 que trata das Diretrizes Curriculares para o Curso de Educação Física estabelece as Atividades Práticas dos Componentes Curriculares (APCC) tem como objetivo promover a aproximação dos alunos aos contextos de intervenção profissional, visando à ampliação de seu repertório cultural e ao aprimoramento da compreensão sobre o trabalho colaborativo interprofissional e/ou interdisciplinar.

O foco da Educação Física é, portanto, trabalhar com os elementos cultura corporal de movimento (esportes, lutas, jogos, dança, ginástica, artes circenses etc.), que se caracterizam como saberes dessa prática. Nesse sentido, o se-movimentar humano é compreendido como uma forma de comunicação com o mundo, sendo ao mesmo tempo constitutiva e constituída pela cultura. Esta, por sua vez, se manifesta através de uma linguagem simbólica que permeia a experiência humana (Betti, 2006).

A Educação Física, sob a perspectiva da cultura corporal do movimento, se estabelece como um campo de conhecimento que tematiza práticas relacionadas ao corpo e ao movimento humano, as quais foram desenvolvidas ao longo da história dos homens e das mulheres na sociedade. Sendo, assim, um campo do conhecimento importante para a compreensão do ser humano em suas múltiplas dimensões (culturais, sociais, estéticas, históricas, afetivas, simbólicas etc.).

As relações e experiências<sup>12</sup> de cada sujeito são fundamentais para o desenvolvimento da criticidade. Nesse contexto, a Educação Física tem o papel de instigar e expandir a compreensão de diversas linguagens, sejam elas verbais, um discurso ou reflexão sobre algo, ou não verbais, as experiências com as práticas, visando a apropriação dos elementos da cultura corporal do movimento.

Ao integrar a vivência circense ao currículo do curso na disciplina de MEEF, via APCC, a Educação Física se posiciona como uma disciplina que supera as barreiras tradicionais do ensino (Fensterseifer, 2012), promovendo um aprendizado significativo a partir das experiências corporais (Holanda; Bungenstab, 2021).

Por fim, a experiência com as artes circenses serve como um exemplo de como a Educação Física pode ir além dos muros da escola. Pois a atividade evidenciou a importância de se explorar diferentes ambientes de aprendizagem, contribuindo, assim, para a formação dos alunos. Destarte, o presente trabalho está estruturado de modo a apresentar a experiência com as práticas circenses em uma ação educativa de APCC.

---

<sup>12</sup> Cabe destacar que o sentido de experiência que este trabalho se baseia está nas contribuições teóricas de Bondía (2002, 2011), sendo esta compreendida enquanto algo que toca, sensibiliza e marca os sujeitos. Para o autor, a experiência é um processo dinâmico e interativo que envolve a relação entre o sujeito e o mundo. Ele enfatiza que a experiência não é apenas um acúmulo de acontecimentos, mas um componente crucial para um salutar processo de ensino-aprendizagem, no qual o sujeito se transforma através das interações e reflexões sobre essas experiências educativas.

#### SABERES DA EXPERIÊNCIA: O CONTATO COM AS ARTES CIRCENSES

O circo em questão estava promovendo o "2º Festival de Circo de Itumbiara - Sô Ria", um evento anual que ocorreu em três noites, iniciando-se na manhã do dia 26 de abril de 2024 e sendo finalizado no dia 28 do mesmo mês. Ao chegarmos ao local, fomos afetuosamente recebidos pelos artistas anfitriões, que nos apresentaram um pouco da cultura circense.

Segundo Trevisan, Chagas e Kronbauer (2018), o circo, enquanto ambiente de experiências culturais, proporciona um espaço favorável a uma prática cheia de sentidos, permitindo que os sujeitos experimentem e se apreendam a cultura do movimento de forma lúdica. Além disso, a interação com os artistas circenses pode possibilitar uma troca de saberes e experiências que enriquecem o aprendizado, ampliando a compreensão do corpo como um local de expressão artística e cultural.

A prática no circo levou-nos a perceber o se movimentar não apenas como uma ação física-corpórea, mas como uma forma de comunicação e interação com o mundo ao seu redor. Para Betti (2006), essa perspectiva permite uma compreensão mais profunda da cultura corporal de movimento, reforçando a ideia de que o movimento é, em si, uma linguagem.

Pudemos perceber que o circo não possuía uma grande lona como nos grandes circos luxuosos que vemos pelas telas de TV, era um ambiente modesto, composto por um espaço que comportava em torno de 60 a 70 cadeiras de plástico para a plateia, cedidas por uma empresa local, o chão era de terra. De frente para as cadeiras estava o picadeiro/pista que é o espaço onde foi apresentado o espetáculo circense. Atrás desse picadeiro continha uma cortina do teto ao chão que bloqueava os olhares do público para os bastidores.

Por tratar-se de um evento de cunho social, a entrada foi liberada para a comunidade, sem a cobrança de ingressos. Ao final das apresentações noturnas, era solicitado aos espectadores que, se desejassem, contribuíssem com um valor ao chapéu que circulava entre a plateia, mostrando o caráter de dificuldade financeiras que muitos artistas enfrentam no Brasil. Historicamente, o conceito de circo social, como este que estávamos experienciando,

surgiu como uma intervenção que utilizava as artes circenses para trabalhar com crianças e jovens de áreas mais populares. O circo social, que teve sua origem na província de Quebec, surgiu de uma parceria entre o Cirque du Soleil e a organização internacional Jeunesse du Monde, resultando no projeto Cirque du Monde (Tonini; Bairrão, 2021).

O circo social não se limita a um público específico; ele atende diversos grupos,

incluindo mulheres vítimas de violência, adultos com dificuldades de aprendizagem e refugiados. Tais características demonstram que o circo é uma linguagem universal que conecta homens e mulheres de diferentes idades e contextos sociais, movendo-se no e para o coletivo (Tonini; Bairrão, 2021), o que também pudemos notar a partir da contextualização feita pelos palhaços sobre o circo que conhecíamos.

Durante a aula de malabares, pudemos ouvir da professora Seriema (palhaça que nos ofertou uma oficina) como surgiu seu interesse pelo circo que já durava quinze anos. Segundo seu relato, ela se encantou com a capacidade do circo de atuar como um espaço inclusivo, especialmente para crianças de comunidades periféricas.

A professora Seriema não “trabalha” somente com o circo, mas o vive intensamente, inclusive em seu contexto familiar, já que seu marido e filho também são artistas circenses. Juntos, todos fazem parte da companhia "Cia Boca do Lixo", que se destaca por utilizar materiais reaproveitados em suas apresentações teatrais e musicais, enfatizando a sustentabilidade e a criatividade.

A esse respeito, Gilmar (2010) salienta que a mediação do circo, tanto dentro quanto fora de sua estrutura, pode revelar uma visão crítica da realidade social. Corroborando essa afirmativa, notamos, durante as apresentações noturnas, que as intervenções dos palhaços, de forma humorada, provocavam reflexões sobre questões sociais marcantes no contexto periférico da cidade.

Outro ponto importante de nossa experiência com as artes circenses na APCC, foi a oficina do artista Saracura do Brejo. Sua intervenção pautou-se na experimentação prática de acrobacias, sendo realizada no picadeiro. Essa prática acrobática envolveu exercícios de alongamento e mobilidade, fundamentais para a realização das posturas de apoio e volante, que são partes fundantes da pirâmide humana. Após isso, realizamos uma atividade utilizando tecidos acrobáticos, onde os alunos aprenderam a ficar pendurados de cabeça para baixo, uma experiência que desafiou nossas habilidades motoras e de equilíbrio.

É crucial reconhecer que o circo tem como base o corpo que experimenta e desafia seus limites, sendo colocado em “risco” (Bondía, 2002). A prática circense, portanto, torna o corpo como um elemento espetacular, em que o artista (palhaço, contorcionista, malabarista, dançarino etc.) não se limita a exercer uma profissão, mas vivencia constantemente práticas que fortalecem suas habilidades e os impulsiona a enfrentar suas dificuldades.

Além disso, a interação social promovida nas artes circenses favoreceu a formação de vínculos entre os alunos, enriquecendo nosso aprendizado. Essa atividade não se limitou a uma mera prática de caráter físico; mas sim, foi uma oportunidade de nos apropriarmos da cultura corporal de movimento de modo amplo. Portanto, a APCC no circo, configurou-se como um espaço de aprendizado que enriqueceu nossa experiência.

Em suma, a vivência no circo durante o "2º Festival de Circo de Itumbiara - Sô Ria" ofereceu-nos uma experiência transformadora. A interação com artistas circenses, somadas ao aprendizado com o movimentar-se, possibilitou uma compreensão mais ampla da cultura corporal do movimento. Assim, o circo não apenas nos entreteve, mas também nos educou, nos inspirou e nos transformou em pessoas (e futuros profissionais) melhores.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de ensino-aprendizagem, especialmente no contexto da Educação Física, revela a importância de ampliação do espaço educativo para além da sala de aula. As experiências com ambientes culturais, como o circo, proporcionam aos acadêmicos momentos de rica apropriação da cultura corporal do movimento.

O circo, como forma de arte e expressão, oportuniza aos alunos experimentarem os movimentos de maneira lúdica e reflexiva. Essa experiência não apenas amplia o conhecimento teórico, mas também instiga a percepção crítica dos estudantes sobre sua própria corporeidade e sua relação com o mundo.

Em nossa experiência com as artes circenses, posicionamos a Educação Física enquanto um espaço de diálogo e construção de conhecimento a partir da experiência. O circo não apenas ensina técnicas de movimento, mas também transmite valores como respeito, solidariedade e coletividade, colocando o corpo como meio de expressão e comunicação.

Por fim, as experiências propostas via APCC, como as atividades circenses aqui narradas, reafirmaram a necessidade de uma abordagem pedagógica que considere o corpo em sua totalidade, evidenciando que é fundamental que o processo de ensino-aprendizagem busque integrar as dimensões cognitivas, afetivas e sociais, propiciando uma Educação Física libertadora, estética e sensível.

#### REFERÊNCIAS

- BETTI, M. **Corpo, motricidade e cultura**: a fundação pedagógica da educação física sob uma perspectiva fenomenológica e semiótica. Relatório de Pesquisa apresentado ao Departamento de Educação Física da Faculdade de Ciências da UNESP. Bauru, 2006.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.
- BONDÍA, J. L. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, v. 19, n. 2, p. 4-27, 2011.
- BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.
- BRASIL. **Resolução CNE/CEE 06/2018**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de graduação em Educação Física. Brasília: MEC, 2018.
- FENSTERSEIFER, P. E. O que significa aprender no âmbito da cultura corporal de movimento. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 7, n. 2, p. 320-328, 2012.
- HOLANDA, G. I. S.; BUNGENSTAB, G. C. A Educação Física escolar e seus dilemas contemporâneos: há pouca experiência nas experiências? **Kinesis**, v. 39, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/44054>. Acesso em: 9 set. 2024.
- ROCHA, G. O circo no Brasil: estado da arte. BIB - **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, n. 70, p. 51-70, 2010.
- TREVIZAN, M.; CHAGAS, P. I.; KRONBAUER, G. A. Circo em contextos – diálogos entre a cultura e a extensão universitária. **Revista Conexão UEPG**, v. 14, n. 1, p. 130-139, 2018. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/conexao/article/view/10215>. Acesso em: 9 set. 2024.
- TONINI, G.; BAIRRÃO, J. F. M. H. Presença e propósito do circo social: uma iniciativa popular autônoma. **Psicologia & Sociedade**, v. 33, p. e228845, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/GCpVjcQnThQym5jhBYg4MMC/>. Acesso em: 9 set. 2024.